

AS PRODUÇÕES DOS JOVENS DO FORA DA SALA DE AULA: UMA ANÁLISE QUANTI-QUALITATIVA À LUZ DA PEDAGOGIA DA HOSPITALIDADE

THE PRODUCTIONS OF YOUNG PEOPLE OUTSIDE THE CLASSROOM: A QUANTITATIVE AND QUALITATIVE ANALYSIS IN THE LIGHT OF THE PEDAGOGY OF HOSPITALITY

Marcio Bernardino Sirino¹

Arthur Vianna Ferreira²

Resumo: Este presente artigo analisa as produções dos jovens integrantes do Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão Fora da Sala de Aula, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em São Gonçalo/RJ à luz da Pedagogia da Hospitalidade. Para esta finalidade, apresenta uma contextualização inicial sobre o campo do saber da Pedagogia Social como alicerce teórico para práticas educativas desenvolvidas em espaços não escolares, socializa as ações realizadas no bojo do referido grupo (projeto de extensão, projeto de iniciação científica e projeto de pesquisa strictu sensu) e, ainda, problematiza os dados coletados na pesquisa quanti-qualitativa (cf.: Souza; Kerbauy, 2017) por meio dos pressupostos da Pedagogia da Hospitalidade (cf. Baptista, 2012); em seguida, apresenta um levantamento das produções destes jovens refletidas pela análise de conteúdo (cf. Bardin, 2011; Franco, 2012), dentro de cinco categorias estabelecidas a priori: apresentações de trabalhos em eventos; publicações em anais dos eventos; publicações em periódicos; publicações em livros e organização de livros. Os resultados obtidos desta pesquisa foram discutidos com base nos conceitos que estruturam a ética da hospitalidade e revelaram a necessidade do fortalecimento de ações de amparo, cuidado e orientação a fim de que os jovens se percebam como produtores de conhecimento científico.

Palavras-chave: Produção de Conhecimento. Juventudes. Educação Não Escolar. Pedagogia Social. Pedagogia da Hospitalidade.

Abstract: This article analyzes the productions of the young members of the Study, Research and Extension Group Outside the Classroom, State University of Rio de Janeiro (UERJ), in São Gonçalo/RJ in the light of the Pedagogy of Hospitality. For this purpose, it presents an initial contextualization on the field of Social Pedagogy knowledge as a theoretical foundation for educational practices developed in non-school spaces, socializes the actions carried out in the midst of that group (extension project, scientific initiation project and research project strictu sensu) and also problematizes the data collected in the quanti-qualitative research (cf. Souza; Kerbauy, 2017) through the assumptions of the Pedagogy of Hospitality (cf. Baptista, 2012); then, it presents a survey of the productions of these young people reflected by the content analysis (cf. Bardin, 2011; Franco, 2012), within five categories established a priori: presentations of works at events; publications

1 Professor da Universidade Castelo Branco (UCB); Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7948350545918651>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5874-6225>. E-mail: pedagogomarcio@gmail.com

2 Professor efetivo do PPGEduc (Programa de Pós-graduação em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais) da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). Professor Adjunto do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). Doutor em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP - 2011). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6209418269981786>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5297-1883>. E-mail: arthurerjffp@gmail.com

in the annals of the events; publications in journals; book publishing and book organization. The results obtained from this research were discussed based on the concepts that structure the ethics of hospitality and revealed the need to strengthen support, care and guidance actions so that young people perceive themselves as producers of scientific knowledge.

Keywords: Knowledge Production. Youths. Non-School Education. Social Pedagogy. Pedagogy of Hospitality.

Introdução

Elaborarmos esta pesquisa, fruto da análise das produções dos jovens integrantes do Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão Fora da Sala de Aula, da Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP), *campus* São Gonçalo (SG/RJ) – exige-nos evidenciar a potência dos licenciandos de diferentes cursos de graduação na produção de conhecimento científico (Cf. Ferreira; Lopes; Dias, 2019).

Neste sentido, a epígrafe desta construção não poderia ser diferente. Pois, em acordo com o saudoso Gonzaguinha, acreditamos “*é na rapaziada*”. Rapaziada esta que, desde 2016, vem frequentando o Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão Fora da Sala de Aula e produzindo diferentes contribuições para o campo, em construção, da Pedagogia Social.

Esta possibilidade tem sido oportunizada por meio de um compromisso ético assumido GEPE Fora da Sala de Aula, em articulação com as contribuições de Baptista (2012) – discussões introduzidas mais recentemente no bojo do grupo.

Isabel Baptista, em sua obra “*Dar rosto ao futuro: a educação como um compromisso ético*”, de 2012, apresenta diferentes aportes teóricos que contribuíram para a construção da, por nós considerada (Cf. Sirino, Ferreira; Mota, 2018), *Pedagogia da Hospitalidade*.

Com o entendimento da relação de oscilação entre fidelidade e infidelidade (de Derrida), da cultura como memória de vida sob partilha (Carneiro, 2001), do presente eterno atrelado à ausência de desejo ou compromisso pelo/com o futuro (Maffesoli, 2001), da ideia de fadiga de si mesmo (Bruckner, 1996), da relação entre o previsível e o imprevisível (Morin, 1994), da reflexão sobre a permanente solidão dos indivíduos (Bauman, 1995), da percepção da liberdade que se encontra em perigo nesta contemporaneidade (Levinas, 1988) e da necessidade de uma ética e de uma responsabilidade no processo educativo (Paulo Freire, 1996) – atrelados à busca pela vida, liberdade, segurança, bem-estar, cultura, imparcialidade, propriedade, tolerância e educação, previstos na Declaração Universal de Direitos Humanos (1948), eis que a autora portuguesa constrói a *Pedagogia da Hospitalidade* por compreender que “a reflexão ética é um exercício delicado precisamente porque requer sentido de antecipação, mais do que descrever valores ela deverá preocupar-se em saber em que medida eles podem se transformar – e nos transformar” (BAPTISTA, 2012, p. 40 e 41).

Esta perspectiva – ética – pode ser percebida no GEPE *Fora da Sala de Aula* – quando, muito mais do que prescrever ‘valores’, supostamente acadêmicos, vem oportunizando aos jovens estudantes de diferentes licenciaturas, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, uma vivência empoderada na produção acadêmica – um valor de tamanha importância na formação profissional de cada participante, além, é claro, de desestabilizar as concepções elitistas e o olhar de menosprezo para com as produções elaboradas por estudantes de graduação – promovendo, portanto a disseminação de que, nas juventudes, há produção de conhecimento científico e, nesta rapaziada do *Fora da Sala de Aula*, há um compromisso ético com a educação.

Fora da Sala de Aula

Foi organizado na Faculdade de Formação de Professores (FFP), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), um grupo de estudos, pesquisas e extensão denominado **Fora da Sala de Aula**. O objetivo geral desse grupo é promover o debate sobre as práticas educativas não escolares existentes na região metropolitana do Rio de Janeiro e como elas podem fazer parte da formação inicial docente dos graduandos das diversas licenciaturas oferecidas por esse *campus* da UERJ, localizado no município de São Gonçalo no estado do Rio de Janeiro.

Associado a essas práticas educativas, fez-se necessário o estudo dos sujeitos que fazem parte do conjunto de prática educativas que caracterizam esse espaço social e político no qual se desenvolve a formação docente, inicial e continuada, ao mesmo tempo, o público que participa ativamente dos processos de ensino-aprendizagem nesse espaço territorial urbano fluminense.

O público que frequenta esse *campus* da UERJ é composto, majoritariamente, por jovens na faixa etária dos 18 aos 25 anos, oriundos de bairros empobrecidos desse município que, segundo o último IBGE, de 2010, possui o contingente de 1 milhão de pessoas em seu território. Associado às condições econômicas e políticas que organizam as relações desse município, existe um constante crescimento do domínio das facções criminosas em seu território. Isso causa, não somente, a permanência do estado de pobreza dos seus indivíduos, mas, também, regula as relações sociais, inclusive as educacionais. As instituições educativas, escolares ou não, se encontram, muitas vezes, com a cultura organizacional desses grupos que impede a intervenção de políticas públicas que possam mudar a realidade de exclusão social em que se encontram esses sujeitos.

Assim sendo, surgiu no ano de 2016 um conjunto de ações pedagógicas no Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo – e, aglutinadas ao Laboratório de Pesquisas e Produtos Pedagógicos para/com Educadores Sociais – LaPPes – UERJ/FFP e ao Grupo de Estudos Fora da Sala de Aula – UERJ/FFP, que se encontra registrado, regularmente, no SR2 e SR3 da UERJ.

Desde sua criação, este grupo de pesquisa, que atua, diretamente, na graduação do curso de Pedagogia dessa instituição, vem produzindo ações, pesquisas e artigos (utilizados como materiais didáticos junto aos Educadores Sociais de São Gonçalo), promovendo a discussão sobre as Representações de Pobreza e suas influências sobre as práticas educativas nos espaços não escolares, o desenvolvimento das políticas públicas para as populações empobrecidas e a formação docente inicial e continuada para aqueles que se dedicam às práticas educacionais em ambientes não escolares. Eis algumas das ações concretas e ativas até o presente momento:

1. O Projeto de Extensão “*Fora da Sala de Aula: formações, representações e práticas educativas com camadas empobrecidas no município de São Gonçalo*”, registrado no SR3 da UERJ, vem realizando, desde abril de 2016, atividades de formação continuada entre graduandos da FFP, professores da rede municipal e privada e Educadores Sociais do município de São Gonçalo e da Baixada Fluminense, com encontros mensais, discutindo textos de Pedagogia Social e documentários com os temas mais recorrentes às rodas de conversa desenvolvidas com esses profissionais. O Projeto de Extensão possui ações concretas pontuais como cursos de extensão na modalidade a distância duas vezes por ano; encontros mensais com educadores sociais, graduandos e comunidade local para a discussão de temas relativos à pobreza, educação e formação docente inicial e continuada; palestras e aulas realizadas fora da UERJ, em parceria com as secretarias de desenvolvimento social e educação do município de São Gonçalo e adjacência; e, organização anual de Jornadas de Educação Não Escolar e Pedagogia Social – JENEPS, com a qual se encontra em sua quarta edição, realizada em 2019.

Todo esse material, vivenciado e refletido, junto aos sujeitos da educação não escolar, foi organizado em artigos científicos e livros publicados (por editoras, como: CRV, de Curitiba; Pimenta Cultural, de São Paulo e Autografia, do Rio de Janeiro) ao longo desses 3 últimos anos. Esses são disponibilizados para o público em geral como material didático para a formação docente, inicial e continuada, assim como material de pesquisas nos campos da Pedagogia Social, Psicologia Social, Políticas Públicas e Formação docente em geral.

2. O Projeto de Iniciação Científica “Formações, Representações e Práticas educativas não escolares e atividades extracurriculares com camadas empobrecidas no município de São Gonçalo”, aprovado pela SR2 – UERJ. Foi criado no segundo semestre de 2016 e encontra-se ativo até o presente momento, realizando atividades formativas junto aos alunos e profissionais da educação de São Gonçalo. A primeira parte do projeto, em desenvolvimento, está investigando sobre os projetos socioeducativos existentes nas escolas estaduais em bairros periféricos de São Gonçalo, buscando fazer um vínculo entre a formação docente, o ambiente escolar e a Pedagogia Social. A partir dessa investigação, buscaremos descobrir as Representações Sociais desses professores do ensino básico que trabalham nos contraturnos das escolas com as camadas empobrecidas e como elas interferem, ou não, nas suas práticas. Esse PIBIC participa ativamente dos processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos pelo projeto de extensão supracitado.

No segundo semestre de 2019, o LaPPes organizou o primeiro compêndio com todas as pesquisas desenvolvidas até o presente momento. Nesse material, os bolsistas de graduação, que realizaram suas pesquisas sobre Pobreza, Educação não escolar, Políticas Públicas e Formação docente, puderam construir esse material didático para ser utilizado como mais um elemento de formação para educadores que se dedicam fora do ambiente escolar. O livro lançado no dia 04 de setembro desse ano se intitula ‘*Fora da Sala de Aula: formação docente e pesquisas sobre pobreza e educação*’, da editora Autografia, do Rio de Janeiro. Dessa forma, completa-se mais um material didático produzido pelo grupo de estudos, em curso, contribuindo, assim, para a formação inicial e continuada de docentes em espaços não escolares e as reflexões sobre pobreza e desigualdades sociais existentes nos ambientes educacionais do leste fluminense.

3. No ano de 2019 foi credenciado, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* de Mestrado e Doutorado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ São Gonçalo, o Projeto de Pesquisa intitulado *Representações Sociais de Pobreza e Práticas Educativas no Leste Fluminense*, que busca, dentro da linha de pesquisa “Políticas, Direitos e Desigualdades”, investigar as Representações Sociais presente na organização das práticas, nas relações sociais em ambientes educativos não escolares e nas políticas públicas implementadas nas instituições socioeducativas e/ou atividades extraclasse desenvolvidas nos ambientes escolares destinadas às camadas empobrecidas da região metropolitana do Rio de Janeiro, de maneira especial, o município de São Gonçalo e regiões adjacentes ao leste fluminense.

A proposta desse projeto de pesquisa, dentro do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, potencializa as ações existentes no grupo Fora da Sala de Aula e promove outros tipos de reflexões sobre a temática, tanto para os graduandos que continuam fazendo as suas pesquisas nesse mesmo campo de saber quanto para os futuros pesquisadores que participarão desse projeto e se beneficiarão do contato com outros projetos dentro do mesmo programa de Pós-Graduação. Essa realidade promove uma ampliação do campo teórico da educação não escolar ao se abrir à discussão promovida por outras áreas do saber pedagógicos, existentes nos outros projetos que compõem esse mesmo programa de Pós-Graduação da FFP/UERJ.

Formar para práticas educativas não escolares?

Todos os espaços sociais são possíveis campos de relações pedagógicas e de rotinas educacionais. Ou seja, a relação entre os grupos sociais e as possíveis práticas pedagógicas – não formais e informais – estabelecidas entre seus indivíduos, se constituem em um ambiente de relações psicossociais importantes na constituição dos indivíduos enquanto sujeitos sociais, dentro e fora de seus grupos de pertença.

A expressão “educação não escolar”, cunhada por alguns autores do campo teórico da Pedagogia Social (cf. Silva, 2011; Neto, 2009), busca reforçar e legitimar a ideia de que esse tipo de educação social, forjada nas comunidades, periferias e outros espaços socialmente constituídos por processos de desigualdade social, possui, também, uma “forma”, uma intencionalidade, que deve ser respeitada e reconsiderada pelos educadores como legítima organização dos indivíduos para a sua emancipação.

O profissional da educação deve estar atento a esses sujeitos, aos seus saberes e ‘fazeres’, pois, a partir deles é que devemos constituir a nossa prática socioeducativa. Esse reconhecimento da educação

fora do ambiente escolar como legítima é importante na formação dos indivíduos e se apresenta expresso nas diretrizes para a formação docente em nosso país. De fato, os documentos oficiais indicam que a formação docente deve ser compreendida a partir da possibilidade de atendimento das distintas demandas educacionais estabelecidas no seu tempo-espaço histórico e social.

A docência nas instituições escolares, entendida socialmente como instituições educacionais formais, é uma das principais atuações deste profissional, porém não pode ser considerada como a única em relação às necessidades colocadas pela sociedade contemporânea brasileira.

A realidade concreta vivida por esse profissional, em seu período de formação, se encontra contemplada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia, de 15 de maio de 2006, mais especificamente em seus artigos 4 e 5. Esta esclarece que as atividades docentes para as quais este profissional está sendo formado são compostas por habilidades de planejar, executar, coordenar, acompanhar e avaliar projetos e experiências *educativas não escolares*, ao mesmo tempo em que o documento expõe a necessidade formativa, para este futuro pedagogo, de *“trabalhar, em espaços escolares e não escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo”*. Por isso, no artigo 6, §1, as diretrizes recordam que os cursos de pedagogia deverão, também, preparar estes sujeitos para as atuações, já descritas nos artigos e parágrafos anteriormente citados, como também para o cumprimento da contribuição social do curso que é o *“desenvolvimento das pessoas, das organizações e da sociedade”*.

Essa discussão sobre a formação dos profissionais de educação para a docência em ambientes escolares e não escolares continua nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada, de 01 de julho de 2015.

No artigo 3, §1, sobre a formação inicial e continuada, o documento traz a concepção de educação inferindo que *“por educação entendem-se os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino, pesquisa e extensão, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas relações criativas entre natureza e cultura”*.

O documento reafirma uma postura já existente na antiga resolução de 2006 em seu art. 12, §1, alínea d, sobre a formação inicial do docente que, além dos processos educativos escolares, também deverá ser apto para *“observação, análise, planejamento, desenvolvimento e avaliação de processos educativos e de experiências educacionais em instituições educativas”*, abrindo uma compreensão para outros espaços educativos não escolares.

Além disso, as novas diretrizes, no capítulo VII, Art. 18, §3, reconhece a valorização do magistério e dos profissionais da educação – entendendo que a formação inicial e continuada, assim como suas condições de trabalhos, devem ser garantidas para todos os profissionais envolvidos na ação educativa, seja no ambiente do magistério ou em outros ambientes e instituições que realizam práticas educativas.

Na verdade, o ambiente social e suas demandas políticas, sociais, econômicas e culturais estão em constante diálogo com os contextos escolares formativos em que atuarão os futuros pedagogos e/ou licenciados.

Mas, e a Pedagogia Social com isso?

Todos os espaços se configuram em territórios (socio)educativos. Esta não é uma questão, mas, sim, uma afirmação. Porém, muito embora os diferentes espaços sociais tenham condições de contribuir na aprendizagem de diferentes sujeitos, inseridos no processo educativo, por vezes, ambientes não escolares não são tão valorizados quanto os ambientes escolares.

Neste sentido, partindo da perspectiva de que *“Fora e além da escola existem diversas formas de educação igualmente significativas e influentes”*, como nos afirma Caliman (2010, p. 342), o *Fora da Sala de Aula* foi criado como um instrumento de motivação para a problematização das seguintes frentes:

- A importância da educação promovida em espaços não escolares;
- Os pressupostos teóricos que subjazem as experiências educativas em diferentes espaços sociais; e,
- As contribuições que os múltiplos territórios oferecem na formação humana dos diferentes sujeitos.

Neste contexto, cabe trazer as contribuições de Paiva (2015), Caliman (2010), Souza Neto (2010) – dentre outros expoentes do campo teórico da Pedagogia Social – pela compreensão de que, direta e/ou indiretamente, ela nos fornece subsídios para pensarmos as práticas educativas desenvolvidas nos mais variados espaços sociais. Acrescento, ainda, duas outras intencionalidades: a primeira, em afirmar que ‘lá fora’ (da escola) tem múltiplas formas de educação; e, a segunda, em poetizar que esses espaços são distintos, porém complementares no que tange à busca por promover aprendizagens diversas aos sujeitos do contexto social.

Certo desta perspectiva, faz-se necessário trazer uma reflexão sobre o campo da Pedagogia Social que vem se estruturando enquanto uma base teórica para pensarmos as ações de Educação (para o) Social – desenvolvidas em espaços escolares e não escolares.

Entretanto, preciso evidenciar que não há unanimidade no que se convencionou a chamar de Pedagogia Social, pois, segundo Paiva (2015), é um campo em construção. Ou seja, cada autor entende este campo a partir de sua forma de produzir conhecimento e, ainda, de praticar educações diversas.

A partir de Hämäläinen (1989) *apud* Caliman (2010, p. 32), conseguimos perceber esta ‘arena de disputas’ que se insere no grande ‘guarda-chuva’ da Pedagogia Social, que pode ser vista tanto como uma teoria geral de Educação como, também, uma forma de evitar a redução da Educação unicamente aos processos de desenvolvimento individual. A Pedagogia Social pode, também, ser vista como um campo de estudo em que a conexão entre educação e sociedade é levada em conta, ou, ainda, como uma esfera de atividades que combatem e amenizam problemas sociais por meio de métodos educacionais.

No entanto, venho estruturando minha compreensão da Pedagogia Social como um campo teórico da Pedagogia que discute sobre práticas (socio)educativas em diferentes espaços sociais (dentro e fora da sala de aula) e que leva em consideração a realidade social dos sujeitos no processo formativo.

Uma forma mais simplificada para entender a importante dimensão das práticas pedagógicas desenvolvidas que versam sobre uma educação intencional, planejada e organizada com seleção de estratégias, conteúdos e de metodologias, e que, ainda, se relaciona com a decisão de levar em consideração as demandas dos grupos sociais mais vulneráveis, pois, segundo Caliman (2010), “é possível construir soluções pedagógicas que ajudem na superação dos problemas vividos pelas pessoas e grupos” (p. 352).

Esta perspectiva dialoga com a percepção de que, por meio de diferentes práticas (socio)educativas, há uma possibilidade de materializar espaços de discussão sobre as necessidades oriundas das camadas empobrecidas da população e colocá-las em pauta a fim de que haja uma contribuição para essa mudança de realidade.

A Pedagogia Social baseia-se na crença de que é possível decisivamente influenciar circunstâncias sociais por meio da Educação. Assim, a Pedagogia Social começa com esforços em confrontar pedagogicamente aflições sociais na teoria e na prática (HANS-UWE-OTTO, 2011, p. 31).

Obviamente, eliminar todas as dificuldades presentes nestes contextos vulneráveis, é uma utopia. E temos a clareza de que não se configura uma possibilidade material a busca por dirimir todas essas mazelas, no entanto, entendemos que as ações pedagógicas, desenvolvidas em diferentes espaços sociais educativos, têm condições de contribuir no processo de democratização das relações entre os diferentes sujeitos que, em geral, vivenciam processos de muita exclusão social.

Processos estes que promovem silenciamento, abandono, escassez de democracia, adaptação à

lógica de precarização imposta e ausência de responsabilização – por parte do poder público, bem como da sociedade civil, em geral – pela luta em prol de uma inclusão social e que não pode ficar a cargo de uma única instituição – como a escolar, por exemplo, mas, sim, ser ‘abraçada’ por todos os espaços sociais a fim de que, por meio de processos socioeducacionais, possa-se promover Emancipação, Transformação e Libertação – pilares da Pedagogia Social, de preferência, *Fora da Sala de Aula*.

Acreditamos é na “Rapaziada”

Esta contextualização sobre o processo de construção do *Fora da Sala de Aula*, as produções realizadas pelo nosso grupo e, ainda, o entendimento sobre o campo da Pedagogia Social foi necessário para deixar registrado este histórico de ensino, pesquisas e extensão que veio a contribuir para que muitos jovens estudantes de diferentes cursos de licenciatura da Faculdade de Formação de Professores da UERJ percebessem – *Fora da Sala de Aula* – diferentes oportunidades de atuação, investigação e de construção da docência, numa perspectiva ampliada (cf. Ferreira, Sirino; Mota, 2019).

Uma oportunidade que, no geral, não possuem – quando, apesar das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia (Brasil, 2006) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada (Brasil, 2015) sinalizarem a importância de formação do educador para atuar em espaços não escolares, os estudantes veem uma ou outra disciplina que aborde a temática da Educação Não Escolar – muito relacionada com o professor(a) que a ministra e/ou a formação que possui.

Neste sentido, diferentes estudantes passam anos de sua formação perspectivando atuar em espaços escolares – quando, então, cria-se o *Fora da Sala de Aula* e a Faculdade de Formação de Professores da UERJ começa a sensibilizá-los, de maneira mais sistematizada, para outras possibilidades de atuação docente e, logo, diferentes interesses ‘brotam’ de uma rapaziada, uma juventude, uma mocidade... que constrói “a manhã desejada”.

Ao longo dos cinco anos de construção do *Fora da Sala de Aula* (2016 – 2020), o Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão contou com a participação de 13 estudantes da Faculdade de Formação de Professores, da UERJ, e uma profissional de comunicação social, com bolsa PROATEC, interessados no campo da Pedagogia Social, sedentos de leituras e reflexões que ampliassem suas concepções de educação – para além dos muros escolares – e, ainda, com capacidade de escreverem e, por meio de suas produções, contribuírem na reflexão de outros educadores sociais – em espaços escolares e/ou não escolares, como pode ser observado no quadro a seguir.

Quadro 1. Jovens bolsistas do *Fora da Sala de Aula*.

Indicação	Nome completo do Bolsista	Formação
	ALAN NAVARRO FERNANDES	História
	DÉBORA SIMEÃO ORTMAN PEREIRA	História
	FILIPPI JOSÉ DA SILVA	Letras – Português/ Literatura
	HAISSA DOS SANTOS SODRÉ	Letras – Português/ Literatura
	JOÃO VÍTOR DE ANDRADE SILVA	Geografia
	JÚLIA ABREU MACHADO	Pedagogia
	LARA CRISTINA VEIGA BERNARDO	História
	LETÍCIA DA SILVA MENDES	Geografia
	LUCAS SALGUEIRO LOPES	História/Sociologia
	MARIANA NOGUEIRA RODRIGUES	Comunicação Social
	MATHEUS EDSON SOUZA KROPF SOARES	História

	MATHEUS TELES MACHADO PORTUGAL GOMES	História
	THIAGO DA SILVA LYRA	Letras – Português/ Inglês
	THIAGO SIMÃO DIAS	Pedagogia

Fonte: Elaboração dos autores (2020).

Como pode ser observado no quadro anterior, estudantes de diferentes cursos vêm, ao longo dos tempos, compondo o *Fora da Sala de Aula*. Uma perspectiva plural que contribui para o processo de democratização das relações na universidade e, ainda, que enriquece as discussões promovidas – ao se ter, em grupo, estudantes de diferentes áreas do conhecimento.

Alguns destes estudantes já terminaram sua formação e não fazem mais parte do *Fora da Sala de Aula*; outros estão prestes a terminar e, em breve, estarão, também, saindo; poucos ainda têm alguns períodos pela frente e, certamente, muitos outros virão agregar valor ao grupo – no decorrer deste processo, mas, parafraseando *O Pequeno Príncipe*, todos deixam um pouco de si para o grupo e levam, em sua formação docente, um pouco de nós – educadores sociais, estudantes, professores e pesquisadores.

Nesta certeza, a fim de evidenciar a potência que estes integrantes do *Fora da Sala de Aula* possuem e o quanto vêm contribuindo na produção de conhecimento científico sobre o campo do saber da Pedagogia Social, eis que fiz uma pesquisa quanti-qualitativa (cf.: Souza; Kerbauy, 2017) que pudesse revelar este processo de construção.

O levantamento foi realizado por meio de dois movimentos: inicialmente, foi elaborada uma listagem de alunos bolsistas do *Fora da Sala de Aula* – tanto os que já foram e não são mais quanto dos que ainda permanecem no grupo; em seguida, foi realizada uma pesquisa no *Currículo Lattes* de cada jovem a fim de realizar o levantamento de cinco categorias previamente elegidas, tais quais:

- 1) Apresentações de trabalhos em eventos;
- 2) Publicações em Anais dos eventos;
- 3) Publicações em Periódicos;
- 4) Publicações em livros;
- 5) Organização de livros.

Ao entrar no *Lattes* de cada estudante/bolsista foi possível identificar, por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2011; Franco, 2012) aqueles que possuem mais alinhamento com a vida acadêmica, que produziram sentido no desenvolvimento das pesquisas e que mergulharam para desbravar este universo; jovens que nem, ao menos, conseguiram criar o currículo – possivelmente por falta de compreensão da importância deste instrumento na formação acadêmica; e, ainda, uma rapaziada que tinham seus *lattes* criados, porém muito desatualizados – sem informações da vinculação ao *Fora da Sala de Aula* nem das produções desenvolvidas no bojo do Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão – traços que evidenciam que cada aluno encontra-se num momento específico, em desenvolvimento e amadurecimento – carecendo, portanto, de *Cuidado, Amparo e Orientação* a fim de que consigam produzir sentidos diversos nas atividades do grupo e consigam, neste sentido, deslanchar na sua formação inicial e/ou continuada.

Os dados coletados, foram inseridos no quadro a seguir:

Quadro 2. Quem está na formação inicial e/ou continuada é produtor de conhecimento científico.

Bolsista	Apresentação de Trabalhos em Eventos	Publicações em Anais de Eventos	Publicações em Periódicos	Publicações em Livros	Organização de Livro
	06	---	---	01	--
	Não encontrado				
	05	01	---	01 + 01*	---
	Não encontrado				
	03	---	---	01	---
	07	05	03	02	---
	06	01	02	02	---
	---	---	---	02*	---
	18	04	03	05	01
	---	---	---	02*	---
	---	---	---	02*	---
	14	03	02	04	---
	---	---	---	02*	---
	04	---	---	04	01*
TOTAL	63	14	10	24	2

Fonte: Elaboração dos autores (2020).

O levantamento realizado abriu diferentes frentes de reflexão para além dos números apresentados. Fica evidente a potência destes jovens na produção acadêmica quando encontramos números expressivos de apresentações de trabalhos em eventos (63), publicações em anais dos eventos (14), publicações em periódicos (10), publicações em livros (24) e, ainda, 2 (dois) alunos de graduação contribuindo, juntamente com o Prof. Arthur Vianna Ferreira, na organização de um livro.

Estes dados revelam a intensidade na produção e divulgação das reflexões construídas no bojo do *Fora da Sala de Aula*, individualmente e em parceria. Mas, também, revelam estudantes que estão num processo de construção de um educador-pesquisador.

Cabe evidenciar que, como 2 (dois) currículos não foram encontrados e 4 (quatro) *Lattes* estavam muito desatualizados, os números apresentados no quadro 2 são, apenas, uma estimativa – tanto que as quantidades de capítulos publicados em livros, que possuem asterisco (*) ao seu lado, sinalizam produções reais que foram construídas no bojo do *Fora da Sala de Aula*, porém que não foram sinalizadas no *Lattes* de alguns estudantes – o que possibilita-nos pensar sobre as demais produções, das outras categorias, que, também, não foram encontradas.

Se os currículos de todos estivessem devidamente criados e atualizados, certamente, outro quantitativo poderíamos obter nas contagens. Mas, o objetivo desta pesquisa não é elaborar um ranqueamento de produções nem hierarquizar os alunos pela quantidade de publicações, mas, sim, evidenciar a importância do *Fora da Sala de Aula* na formação inicial e/ou continuada destes jovens na compreensão de que eles são produtores de conhecimento científico e que estão em processo de desenvolvimento. Neste ensejo, a fim de aprofundar, ainda mais, as análises realizadas através da pesquisa empírica, convém trazer autores utilizados por Isabel Baptista na construção de sua *Pedagogia da Hospitalidade* a fim de – ao invés de trazer respostas – ampliar as questões sobre o processo de complexidade de construção do pesquisador e da necessidade de manutenção, constante, da tríade *Cuidado, Amparo e Orientação* – dentro ou *Fora da Sala de Aula* – a fim de que os jovens estudantes percebam a responsabilidade ética, numa dimensão freireana, com este processo (socio)educativo.

De 63 (sessenta e três) trabalhos apresentados, como constam no levantamento, apenas, 14 (catorze) foram publicados em anais destes eventos? Automaticamente, preciso acionar Carneiro (2001 *apud* Baptista, 2012) com suas reflexões sobre a cultura como memória de vida sob partilha para sinalizar que a construção do currículo Lattes é um processo cultural, por vezes, complexo e que exige a partilha de informações adequadas sobre como preencher, atualizar e manter os dados de produção.

Quando 2 (dois) integrantes do *Fora da Sala de Aula*, simplesmente, não possuem seus devidos currículos criados, faz-se necessário operar com Maffesoli (2001 *apud* Baptista, 2012) quando traz reflexões sobre o presente eterno e a ausência de desejo/compromisso pelo/com o futuro. Uma das informações mais basilares sobre a vida acadêmica é a construção do currículo Lattes e se alguns estudantes apresentam dificuldades na organização e dinamização desta demanda, será que estão comprometidos – verdadeiramente – com a vida acadêmica e possuem perspectiva de futuro?

Ao identificarmos que 4 (quatro) outros currículos estavam bastante desatualizados, num movimento inicial, chamamos à conversa Bruckner (1996 *apud* Baptista, 2012) com sua construção sobre a fadiga de si mesmo, para pensarmos até que ponto esta desatualização, de longos meses, não se relaciona com uma fadiga tão grande que, consecutivamente, se alinha com um suposto cansaço acadêmico, como se o currículo fosse uma ‘prisão’ ao invés de um ‘espelho’ das contribuições no qual se tem a oportunidade de refletir as produções desenvolvidas ou em andamento.

Outro ponto necessário a potencializar reflexões se relaciona com a quantidade de capítulos de livros produzidos. Numa abordagem apenas quantitativa, podemos inferir que 24 (vinte e quatro) é um número bastante expressivo, mas ao analisar o conteúdo das produções – a maioria delas foi produzida em coautoria, consecutivamente, se houvesse uma recontagem por produções exclusivas, a quantidade, automaticamente, seria outra. Neste sentido, exige-nos uma ponderação à luz de Morin (1994 *apud* Baptista, 2012) sobre o previsível e o imprevisível. Pois, o processo de escrita, por vezes, é doloroso, tanto que Graciliano Ramos relaciona-o ao ofício das lavadeiras de Alagoas. Era previsto que o número de capítulos publicados em livros fosse elevado visto a parceria que se construiu para a produção dos mesmos.

Sobre os artigos publicados em periódicos, faz-se necessário pensar a seguinte questão. De 14 (catorze) alunos bolsistas, 10 (dez) artigos foram publicados, mas, apenas, por 4 (quatro) estudantes. Ou seja, 10 (dez) outros estudantes não produziram nenhum artigo lançado em periódico – o que pode estar relacionado com a não criação/atualização do lattes, mas que, com contrapartida, impõe-nos, por sua vez, a inserção das reflexões sobre fidelidade e infidelidade, numa perspectiva derridiana (Derrida, 1991 *apud* Baptista, 2012). Pois, será que a maioria destes estudantes está levando, com fidelidade, este processo de ensino, pesquisa e extensão?

Por fim, os 2 (dois) estudantes que organizaram um mesmo livro evidenciam a discussão sobre a liberdade que se encontra em perigo, nesta contemporaneidade, de Levinas (1968 *apud* Baptista, 2012). Uma liberdade acadêmica que vem, cada vez mais, sendo cerceada – fazendo com que a organização de um compêndio esteja a cargo de menos de dez por cento dos integrantes bolsistas.

Por fim, cabe destacarmos uma reflexão sobre em que medida estes números revelam – ou não – estas construções provisórias, contingentes e precárias? Será que o quadro apresentado não revela, também, como os estudantes supostamente se sentem dentro do próprio grupo? Isabel Baptista usou, ainda, o conceito da solidão presente nos indivíduos (Bauman, 1995 *apud* Baptista, 2012) – o que nos possibilita inferir que, na busca por construir uma Pedagogia da Hospitalidade – no *Fora da Sala de Aula* – essa rapaziada venha a estar passando por um processo solitário de sair de uma zona de conforto (estudo) e desbravar novas possibilidades formativas (com a pesquisa e a extensão).

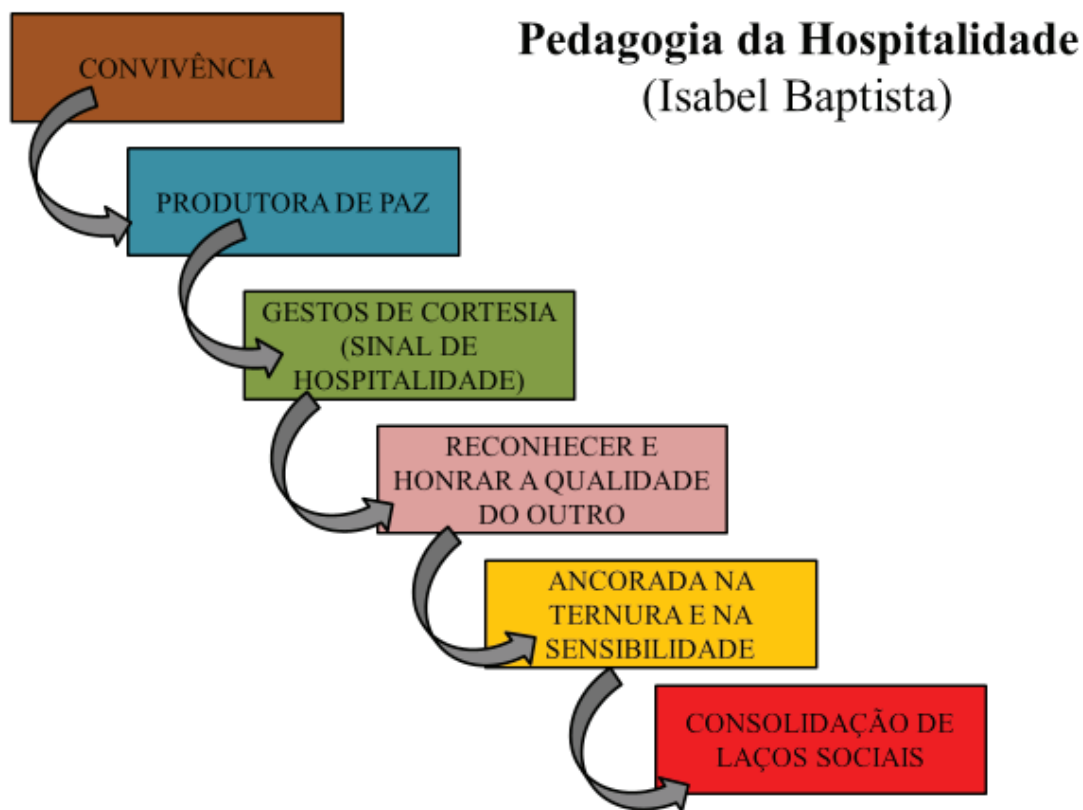
Aspecto este que nos exige considerar que os números levantados, ao longo desta pesquisa, podem revelar muitas coisas, mas, jamais, poderão culpabilizar os estudantes nem deslegitimar a importância que possuem para o *Fora da Sala de Aula* e para a produção de conhecimento científico e, ainda, da necessidade de um olhar ‘hospitaleiro’ sobre estes jovens.

Hospitalidade no Fora da Sala de Aula

Toda a discussão apresentada, na seção anterior, a partir dos dados coletados da pesquisa quanti-qualitativa, demonstra a importância de se construir ações de ensino, pesquisas e extensão para os estudantes da graduação e valorizar a potência que neles habita. Esta potência vem sendo burilada, a cada dia, num processo – intitulado por Baptista (2012) – de consolidação de laços sociais, pois há “a necessidade da construção de um laço social num mundo desenlaçado, por meio da mediação socioeducativa” (p. 38).

Segundo a *Pedagogia da Hospitalidade*, na convivência oportunizada em diferentes espaços sociais educativos, tem-se a oportunidade de construir ações que venham a produzir a paz entre os participantes, por meio de gestos de cortesia que são desenvolvidos no reconhecimento das qualidades que o outro possui. Tudo isso ancorado na ternura e na sensibilidade para que, enfim, haja a consolidação dos laços sociais, como apresentado na ilustração a seguir.

Ilustração 1. Pedagogia da Hospitalidade.



Fonte: Baptista (2012).

Neste contexto, cabe evidenciar a importância de se promover nas universidades, públicas e privadas, espaços de diálogos e reflexões que oportunizem a construção de uma educação ética que venha a contribuir na formação de estudantes de diferentes cursos de licenciatura – ampliando a própria relação que eles estabelecem com o processo de construção de conhecimento.

Realizar este levantamento e olhar sobre os números apresentados, poderia trazer à baila infinitas possibilidades de interpretação, mas ao articular estes dados com autores que contribuíram para a construção da Pedagogia da Hospitalidade, de Isabel Baptista, foi possível tensionar reflexões sobre o processo de construção do currículo, da atualização, da disparidade das informações presentes e do processo de diferenciação entre os alunos com o entendimento de que todo este movimento é um

processo cultural, que exige compromisso, refletividade, a previsibilidade, fidelidade e liberdade – numa sociedade tão solitária e que, a todo momento, tenta colocar em questionamento o que se entende por conhecimento e quem é digno de o produzir.

Na contramão desta perspectiva, eis que o *Fora da Sala de Aula* (re)existe com uma ‘rapaziada’ que “*que segue em frente e segura o rojão*”.

Referências

BAPTISTA, Isabel. Ética e Educação Social – interpelações de contemporaneidade. **Revista Interuniversitaria**. Sevilla, n. 19, p. 37-40, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução CNE 2/2015 do Conselho Nacional de Educação. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1 de julho de 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CP 1/2006 do Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 de maio de 2006.

FERREIRA, Arthur Vianna; LOPES, Lucas Salgueiro; DIAS, Thiago Simão. **Fora da Sala de Aula: formação docente e pesquisas sobre pobreza e educação**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

FERREIRA, Arthur Vianna; SIRINO, Marcio Bernardino; MOTA, Patricia Flavia. Estudo sobre docência ampliada nos processos de ensino-aprendizagem brasileiros. **Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades**. CAEDU/UFPI. Teresina, Brasil, v. 1, n. 1, p. 174-193, janeiro/abril de 2019.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2012.

SILVA, Roberto da. Visão e concepções necessárias a Teoria Geral da Educação Social. IN: ____; SOUZA NETO, João Clemente; MOURA, Rogério. (Orgs.) **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2011.

SIRINO, Marcio Bernardino; FERREIRA, Arthur Vianna. Fora da Sala de Aula: discussões educativas no espaço coletivo extensionista universitário – em busca de uma Educação Integral. **Revista Eletrônica Saberes Múltiplos**, v. 4, p. 115-124, dezembro, 2016.

SIRINO, Marcio Bernardino; FERREIRA, Arthur Vianna; MOTA, Patricia Flavia. A autonomia, a convivência e a hospitalidade como formas de construção de práticas socioeducativas na Educação Integral e(m) Tempo Integral. In. FERREIRA, Arthur Vianna; SIRINO, Marcio Bernardino; MOTA, Patricia Flavia. (Orgs.). **Pedagogia social e educação integral: campos educacionais em construção no Brasil**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.

SOUZA NETO, João Clemente. Pedagogia Social e as Políticas sociais no Brasil. In: IN: SILVA, Roberto da;

____; MOURA, Rogério. (Orgs.) **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, jan./abr. 2017.

Recebido em 28 de fevereiro de 2020.

Aceito em 19 de Junho 2020.